



2022 © Diego T. Hahn  
Título: Viagens & Outras Viagens  
Autor: Diego T. Hahn

Conselho Editorial: Paulo Juner e Diomar Konrad  
Revisão de texto: Diomar Konrad  
Supervisão Editorial: Márcio Grings

Projeto gráfico: Giovani Faganello  
Retrato do autor: acervo pessoal  
Fotografia da capa: Heye Jensen  
Fotografias do miolo: Rajat Sarki (1), Heye Jensen (4), Liu Revutska (6), Justin Luebke (4), Marc Olivier Jodoin (10), Lerone Pieters (14), Alex Rainer (17), Yousef Alfuhigi (18), X Liu (19), Joshua Coleman (22), Rawpixel (24), Paul G (40), Kevin Laminto (58), Glen Carrie (82), Christian Crocker (92), Arno Senoner (116), Tomas Jasovsky (148), Jona Novak (244), Derek Story (270), Real Jansen (288), Anastasiia Chepinska (304), Reuben Juarez (329), Eva Darron (330) e Justin Luebke (334).

1ª edição: maio de 2022  
Impressão e acabamento: Gráfica Pallotti  
Editoração: Memorabilia Books (memorabiliastore.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hahn, Diego T.  
Viagens & Outras Viagens : (Novo Velho Mundo) /  
Diego T. Hahn. -- Santa Maria, RS :  
Grings - Memorabilia e Tours, 2022.  
ISBN 978-65-84777-05-7

1. Experiências de vida 2. Literatura brasileira 3. Relatos de viagens I. Título.  
22-109015 ————— CDD-910.4

Índices para catálogo sistemático:  
1. Relatos de viagens 910.4  
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Todos os direitos autorais pertencem a **Diego T. Hahn**. Este livro não poderá ser copiado de nenhuma forma, maneira ou método, impresso ou eletrônico, em sua parte ou em seu todo, sob quaisquer pretextos, sem autorização legal ou por escrito do autor.

**Autor:** diegoahn@hotmail.com  
**Editora:** sac.memorabilia@gmail.com  
**Acervo:** memorabiliastore.com.br

VISITE A LOJA

# viagens & outras viagens





*“Sabe por onde  
anda o fulano?  
Nunca mais vi?”*

*Não te contaram.*

*Está agora pelo mundo,  
fazendo tudo que nós  
gostaríamos, mas nunca  
tivemos coragem.*

*Será que volta?*

*Dizem que reservou  
a passagem, sem data,  
caso as coisas se  
compliquem ou a  
saudade bata  
mais forte.”*

PREFÁCIO

## **LARGAR TUDO E SUMIR**

Antes de iniciar a leitura deste livro, convido você a fazer as suas malas. Pense no que gostaria de levar e vá se organizando. Roupas e calçados para o frio ou para o calor? Livros, discos, fotos ou outras recordações, que podem fazer parte da bagagem ou estar armazenados em algum dispositivo eletrônico? Documentos, mapas, dinheiro, cartões, agenda de telefones e tudo que possa ser útil? Objetos de uso pessoal e de higiene que não podem faltar? O que mais poderia levar na bagagem? Deixo a pergunta no ar...

Afinal, quem nunca se imaginou na sala de espera de uma rodoviária, de um aeroporto, em um trevo na saída da cidade, cheio de planos para uma vida nova, longe da rotina de todos os dias, com ou sem destino. Por alguns dias, meses ou até anos, fugir do dia a dia e encarar o mundo, em outras culturas, para saber como vivem outras pessoas além deste mundinho no qual parece que estamos presos, numa espécie de semiaberto, cheio de

normas, obrigações e relações que estão nos sufocando. Chega! Não aguento mais! Vou dar um jeito de cair fora.

Não é uma decisão fácil. Largar tudo e sumir. Pequenos receios vão surgir, quase que naturalmente. Como vão ficar as coisas sem mim? Será que sou mesmo necessário por aqui ou logo vão dar um jeito de me esquecer? Sabe por onde anda o fulano? Nunca mais vi? Não te contaram. Está agora pelo mundo, fazendo tudo que nós gostaríamos, mas nunca tivemos coragem. Será que volta? Dizem que reservou a passagem, sem data, caso as coisas se compliquem ou a saudade bata mais forte.

Houve algum tipo de despedida dos amigos ou parentes ou saiu à francesa, na calada na noite? Bem, alguém teve que ser avisado, pelo menos o porteiro do prédio ou aquele que faz o pagamento das contas. Ninguém sai impune das amarras que contratou durante o período que aqui esteve. E o que não foi resolvido deixa assim mesmo. Alguém que ficou dará um jeito.

Esta é a história do meu amigo e escritor Diego Hahn em suas múltiplas viagens, como diz o título do livro que eu convidei você a ler. Sem dar spoiler, posso apenas dizer que certo dia, assim no más, ele resolveu partir da terrinha e abraçar o mundo. Para onde foi, o que pensava na época, como organizou a viagem, quais foram os bons e maus momentos, que lugares conheceu, com que pessoas se relacionou, o que levou e o que trouxe na bagagem, tudo isto está dentro do livro.

Embarque nessa viagem com o Diego e acompanhe suas aventuras. Tenho a certeza de que você, como eu, vai sentir o cheiro das comidas, a temperatura dos ambientes, gostar de co-

nhecer as “figuras” que ele encontrou no caminho, saber como é a vida de um estrangeiro, encarar os desafios de conhecer novos lugares e, quem sabe, se aventurar por conta própria logo depois que terminar a leitura. Talvez, daqui a algum tempo, possamos conhecer as suas “viagens”.

Termino com uma frase que me chamou atenção e que está no livro: “Viajamos para nos livrarmos de nós mesmos, mais do que para nos livrarmos dos outros” (William Hazlitt).

**Diomar Konrad**



**viagens &  
outras viagens**

**Diego T. Hahn**



# Su má rio

- 19 Prólogo:  
Além do Horizonte
- 25 Em Algum Lugar entre o Fim do Mundo  
e Lugar Nenhum
- 41 Go  
East
- 45 Tourist Origins:  
“Turismo é no Andar de Cima, Camarada!”
- 59 Compotas da Vovó  
e os Sinais
- 71 Gorizia, Revolução Proletária e a  
Primeira “Volta para Casa”
- 83 Os Haicais  
de Economia
- 93 O desafio de Ferragosto e o  
Despertar da Força Viajante
- 95 Impossíveis  
Venezas
- 105 Entre Gladiadores e Samurais:  
Invasão e Fuga na Capital do Império
- 117 Interlúdio em Trieste:  
Um outro Porto Alegre
- 133 Munique:  
So Ein Tag
- 149 Majano, Friuli: Vida de Estagiário e a  
Lição dos Pimentões Assassinos



- 
- 163 Interlúdio em Trieste:  
Eu sou a Lenda (Grazie, Vecchia!)
- 179 Budapeste: Onde os Fracos Não Têm Vez  
(ou “Born to be... Bourne?”)
- 197 Interlúdio em Trieste:  
Mad Max, Mad World
- 219 Brisa nos  
Balcãs
- 235 Interlúdio em Trieste:  
A Maldição do Fiscal do Busão
- 245 Gaúcho Gauche na  
Boemia da Boêmia
- 259 Interlúdio no Coração do Rio Grande  
 (“Home, Strange Home”)
- 271 Interlúdio em Trieste:  
Um Quartinho, Um Violão (Então é Natal)
- 277 Paris: Spiderman e as  
Luzes da Cidade
- 289 Interlúdio em Trieste: A Oferenda das 30 Virgens,  
Planos de Assalto a Banco... E Sobre Algo Mais Também
- 305 Em Napoli Sou  
(Todo) Poderoso
- 315 Interlúdio em Trieste: Os Camisas Negras de Bago,  
O Estranho Casamento de Milan, e Outros Rumos...
- 333 Posfácio:  
Agradecimentos

*"...But whatever road  
you choose/ I'm right  
behind you/ win or lose/  
forever young..."*

— Jim Cregan/  
Kevin Savigar/  
Rod Stewart

*"Sou da minha infância  
como de um país..."*

— Saint-Exupéry

PRÓLOGO

## ALÉM DO HORIZONTE

É, não sei bem quantos anos tinha naquela época – devia ser algo em torno de uns seis ou sete, talvez até menos –, mas o certo é que era ainda um pirralho e, de todo modo, lembro como se fosse hoje que, enquanto brincava solitariamente com meus playmobils, carrinhos e futebol de botão no carpete da sala, costumava vez que outra ter minha atenção repentina e magneticamente atraída para o janelão do nosso apartamento lá do alto do sétimo andar daquele prédio onde morávamos, na avenida da nossa cidade de médio porte do interior dos confins meridionais do nosso país tropical, e permanecer então por longos minutos olhando intrigado para aqueles imponentes morros verdes a leste no horizonte: ficava naqueles momentos imaginando o que poderia haver lá por trás deles, que pareciam nos dividir mesmo do resto do mundo.

Eu fantasiava – e no fundo tinha uma certa consciência, mesmo com aquela tenra idade, que devia ser realmente só uma fantasia *aventuresca* infantil, pois, embora não tivesse ainda a capacidade de analisar com afinco todas as possíveis variáveis logísticas, imaginava ser fisicamente impossível realmente chegar até aquele hipotético e fantástico lugar – cruzar de alguma forma um dia aquela “divisa”, desbravar aquela terra além dos morros, co-



nhecer todos os mistérios e maravilhas que haveria naquele novo mundo, logo ali, tão longe e tão perto...

Bem, pois com o tempo eu definitivamente larguei os playmobils e carrinhos – e, contrariando aqueles meus primeiros prognósticos infantis *impossibilistas*, um belo dia realmente acabei indo dar uma boa olhada naquela terra atrás dos montes.

Mas o mais engraçado mesmo me parece que, ainda assim, já bem mais velho e “vivido”, e mesmo tendo já ido e voltado – e ido e voltado, e ido e voltado... – , ainda hoje, veja você, continuo fantasiando sobre o que haverá por lá.





Dest      Min  
0, 23

Служба информации

*“Somewhere ‘cross the  
desert/ sometime in the early  
hours/ in a restless world/  
on the open highway...”*

– Vince Clarke/Andy Bell

*“And we build up castles/  
in the sky and in the sand/  
design our own world/  
ain’t nobody understand...”*

– Paul e Fritz Kalkbrenner

## I EM ALGUM LUGAR ENTRE O FIM DO MUNDO E LUGAR NENHUM

Bem, mais ou menos como em alguma daquelas sequências cinematográficas<sup>1</sup> com um certo charme supostamente *cult* – e/ou “épico” –, acordo então, um tanto quanto confuso, numa tarde quente, em algum lugar indefinido entre o fim do mundo e lugar nenhum, num daqueles pontos onde tudo que nos rodeia parece mesmo se dividir em tão somente duas partes, duas esmagadoras e invencíveis partes: terra e céu.

- UAAAAAAAAHHH!... Espreguiço-me, ainda sem me dar

1 E aqui, embora certamente voltemos a monologar a respeito na sequência dessa história, entrega-se então já de bandeja, logo de cara, tanto a “moral” de todo esse lance de referências artístico-culturais que se seguirão, quanto uma das possíveis respostas – bem, ao menos a tentativa de uma das mais “filosóficas”, além de todas aquelas mais práticas, óbvias ou recorrentes (e excetuando-se, é claro, questões da mais pura necessidade, como, um exemplo mais extremo, aquelas relacionadas a crises humanitárias) – para a questão que, de uma maneira ou outra, permeia quase todas as obras do gênero, que é o “por que viajar?”, que seria, no fim das contas e numa suposição aqui exposta a grosso modo, como mais uma daquelas maneiras de se tentar ver a própria existência exatamente como numa espécie de “ficção”, algo como um filme, seriado ou videoclipe – “so you think you’re a Romeo/ playing a part in a picture-show/ take the long way home/ take the long way home...” – , como conseguindo assim se viver uma vida além da vida, ou ao menos uma vida além da vida “comum”, além das frustrações/desilusões/aborrecimentos do cotidiano dessa, alcançando-se, assim, a oportunidade única de se tornar, finalmente, o protagonista, o herói da sua própria história – sendo que escrever sobre isso, bem, é verdade, parece também não deixar de ser uma clara extensão, um reforço, dessa busca por esse “algo mais”, não é mesmo?

conta da circunstância que se me apresenta – o infinito deserto a me circundar por todos os lados – bocejando longa, preguiçosa e despreocupadamente, enquanto pareço ainda planar naquele universo indeterminado entre a vigília e o sono, olhar semicerrado (ou, “farol baixo”, como diriam os camaradas da antiga) fixo no horizonte.

Depois de mais alguns instantes de torpor, de repente vem o súbito *estupor*, quando, ainda bastante desconcertado – mas repentinamente também um tanto quanto aflito –, começo a girar a cabeça freneticamente em todas as direções, como caindo – ou tentando desesperadamente cair – na real e procurando achar meu norte.

No entanto, independente do ponto cardeal para o qual dirija a mira, minha vista acaba se perdendo na árida imensidão, e, por fim, indago-me – e, veja bem, não são questionamentos puramente *existenciais*:

– Cara... *Como* vim parar aqui?...

E o mais importante, após mais uma breve e confusa reflexão:

– ... E *onde* diabos *estou*??

Enquanto sinto a cabeça meio zonza ao curvá-la para baixo para procurar raciocinar serenamente por alguns instantes, tento cuspir para o lado a areia que parece impregnada e resseca a minha boca. Fico observando uma fileira de insolentes formigui-nhas indiferentes ao meu drama; procuro, então, escrutinar meus últimos passos, tentando me situar naquele quadro de realismo meio fantástico no qual me encontro (Caramba! Parecia-me estar ontem mesmo naquele rotineiro marasmo, automaticamente indo de uma caixinha para outra, algo como casa-escritório-mer-

cado-casa-escritório, naquele cômodo, seguro e tedioso vórtex infinito, e igualmente de uma *tela* para outra, naquela nossa já clássica – e meio bunda-mole – vida digital atual, naquela nossa já tradicional vida quase virtual – embora não lá muito *virtuosa* – atual, até, eu diria... Que raios de furacão terá repentinamente levado Kansas – isto é, *Santa* – pelos ares e me largado aqui na crueza aleatória deste deserto, afinal??...).

Como referências pop-nerd-cinéfilo-musicais, a propósito, são mesmo uma insólita constante no “circuito interno” deste personagem-narrador, mesmo nos momentos mais complicados não posso deixar de me sentir, por um instante, também meio “orgulhosamente” *além da cúpula do trovão* ao olhar novamente, com atenção, ao redor (com direito, claro, como “trilha sonora”, àquele épico baixo introdutório começando a ressoar lentamente na cabeça, enquanto por um ligeiro instante me vem também à mente a imagem das pernocas da “Tia” Tina... Putz; é, parafraseando um personagem philiprothiano, esse vício afeta, em certa medida, até o instinto de autopreservação da gente, caramba!)... Mas, como não, não precisamos aqui de um novo herói, mais alguns instantes de hesitação e, embora ainda bastante grogue, começo pouco a pouco a me convencer a “deixar rolar”, depois de me submeter a mais uma saraivada de relaxantes bocejos, procurando repetir mentalmente alguns de meus canastrônicos mantras pessoais de “autoajuda”, reservados exatamente para situações extremas e/ou delicadas como esta, e compostos de trechos perdidos de textos de Bukowski e sentenças tais quais “*take it easy, man; vamos por partes!*”, e, ao mesmo tempo, procurando convencer-me de que